

SELO DIGITAL
OSES P 6

ORQUESTRA
SINFÔNICA DO ESTADO
DE SÃO PAULO



HENRIQUE OSWALD

QUARTETO COM PIANO EM SOL MAIOR, OP.26
QUINTETO COM PIANO EM DÓ MAIOR, OP.18

QUARTETO OSESP
RICARDO CASTRO PIANO

HENRIQUE OSWALD

QUARTETO OESP

RICARDO CASTRO PIANO

1. QUARTETO COM PIANO EM SOL MAIOR, OP.26 [25'05"]

PIANO QUARTET IN G MAJOR, OP.26

QUARTETO OESP [2011]

EMMANUELE BALDINI violino **PETER PAS** viola
DAVI GRATON violino **JOHANNES GRAMSCH** violoncelo

- Allegro Moderato [5'40"] BR:FQ5-14.00001

- Andante con Moto (tema e variações) [6'56"] BR:FQ5-14.00002

- Scherzo [2'40"] BR:FQ5-14.00003

- Adagio (Romanza) [2'43"] BR:FQ5-14.00004

- Molto Allegro [8'29"] BR:FQ5-14.00005

2. QUINTETO COM PIANO EM DÓ MAIOR, OP.18 [25'51"]

PIANO QUINTET IN C MAJOR, OP.18

QUARTETO OESP [2009]

EMMANUELE BALDINI violino **CLÁUDIO CRUZ** viola
DAVI GRATON violino **JOHANNES GRAMSCH** violoncelo

- Allegro Moderato [8'05"] BR:FQ5-14.00006

- Scherzo: prestissimo [3'55"] BR:FQ5-14.00007

- Molto Adagio [7'43"] BR:FQ5-14.00008

- Molto Allegro [6'48"] BR:FQ5-14.00009

Com “perfeição de feitio, equilíbrio e lógica de conjunto, graça de invenção”, Henrique Oswald é “inimigo do áspero e do banal”, seus sons “se desenrolam com uma flexibilidade esplêndida”, permitindo variações com “inspiração tão pronta e técnica esportíssima”.¹ Tais são algumas das impressões de Mário de Andrade sobre o compositor, que ele valorizava essencialmente como criador universal, para além de qualquer marca brasileira ou empenho nacionalista.

Filho de suíços, antes de atingir a vida adulta Henrique Oswald foi estudar na Itália, de onde só voltaria em definitivo já praticamente idoso. Teve uma premiada carreira como pianista e compositor, livre de rótulos regionais. Sua música não é mesmo fácil de localizar geograficamente: a Florença onde se formou estava povoada de música alemã e francesa, e os jovens já escutavam os russos com muita simpatia, naquela segunda metade do século XIX.

Duas peças podem servir de exemplo das qualidades dificilmente rotuláveis de Henrique Oswald: o *Quarteto com Piano em Sol Maior* Op.26 e o *Quinteto com Piano em Dó Maior* Op.18. Cada uma nos leva a paisagens diferentes do universo do compositor.

No *Quarteto*, sentimos o ritmo, esse elemento que faz o corpo reagir, nos carregando. Alguns estudiosos acreditam que a palavra “ritmo” aparece apenas como metáfora em música, seu uso primordial estando ligado ao cotidiano: o ritmo do trabalho, da cidade, batidas na porta, passos na rua. Longe das danças, é esse ritmo da vida que nos envolve no começo da peça.

No primeiro movimento, um *ostinato* nos convoca a acompanhar a obra. Sentimos o golpe ritmado da mão esquerda no piano. Logo, uma harmonia misteriosa nos leva à introspecção. São os últimos suspiros de romantismo que nos deixam em suspense. Costuma-se associar o estilo de harmonizar de Henrique Oswald a seu colega Claude Debussy. Não seria também expressão do desejo de poesia na música, de fazer com que o piano, essa máquina, fale? A poesia da época buscava a sonoridade pura, como defendia Paul Verlaine.

No segundo movimento, o piano é protagonista, e as cordas o acompanham por uma vereda sinuosa. Por momentos o trio de arcos se une em acordes. Eles constroem uma escada, cada degrau é pensado. Chegamos a diferentes patamares, com paisagens inéditas. Resta saber se enxergamos para fora ou para dentro.

No “Scherzo”, as cordas cantam. (No *Quinteto*, confirmaremos que a confecção desse tipo de movimento é uma das especialidades de Oswald.) O piano assume o papel de baixo-contínuo. Percebemos como essa geração é marcada pela retomada dos mestres barrocos, principalmente o Bach redescoberto por Mendelssohn. Essa volta aos antigos ensina aos compositores do final do XIX diferentes soluções para a arquitetura musical. O acompanhamento é uma simultaneidade populosa de notas, a mão do pianista se abre generosa. Tudo isso é apenas o assoalho, firme, antigo e belo, de uma melodia cantada alternadamente pelas cordas.

O ritmo se alça acima da pulsação cotidiana e faz um convite à dinamização do corpo. O quarteto sai para um passeio, por calçadas, a saudar os transeuntes. Mas o passo não se acelera como nas festas do oriente europeu, nem é sincopado como nas Américas, ou como em Alberto Nepomuceno. Nesse ambiente cada vez mais cosmopolita e menos puritano, como não pensar na firmeza rítmica das rodas de músicos urbanos da *belle époque*?

O quarto movimento – “Adagio (Romanza)” – é uma fuga. O violoncelo puxa uma melodia, um pregão de notas longas, os outros

instrumentos o perseguem. O piano mostra que também é um instrumento de cordas e se iguala aos outros: todos se irmanam.

O bucolismo invade o último movimento, uma música ensolarada, em que se ouve um canto interiorano – a nostalgia do campo em uma época de grande urbanização. O quarteto acaba com todos “cantando” um doce refrão.

Logo no início do *Quinteto Com Piano*, percebe-se que se trata de uma peça com outra inspiração, escrita por outro Henrique Oswald. Seu motivo principal soa como uma canção secular, daquelas que todo um povo saberia cantar em uníssono.

É notável como o compositor cria melodias marcantes e diversas para cada trecho da obra. Entre os compositores, há aqueles que priorizam a melodia e os que confeccionam uma música mais puramente harmônica e técnica. Oswald reúne o melhor dos dois mundos: enquanto soam as mais inventivas frases, o acompanhamento cria discretos contracantos, novas linhas, ora nas cordas, ora no piano. Nada atrapalha a voz principal, e essa talvez seja a principal herança que lhe veio de Schubert: acompanhamentos que só ajudam a melodia solista.

O “Scherzo” do *Quinteto* reforça a ideia de que esse gênero é o que há de melhor no conjunto da obra do compositor. Segundo Mário de Andrade, foi Henrique Oswald quem “abriu o mais delicioso e puro sorriso que jamais pairou em boca brasileira”.²

O curioso no processo de composição de Oswald é que, mesmo sendo um pianista reverenciado e extremamente técnico, suas melodias não derivam daquele caminho natural que as mãos fazem no piano, nem de uma fórmula que levaria a uma melodia matemática. São linhas inspiradas, que brotam de modo mágico, como se nota no “Molto Adagio”.

O último movimento é em andamento estimuladamente rápido. Durante uma performance virtuosística do piano, o conjunto de cordas cumpre seu papel de modo preciso: os instrumentos são cooperativos, completam frases e se entrecortam de maneira amistosa, num harmonioso balé.

MAURÍCIO DE CARVALHO TEIXEIRA,
HISTORIADOR, TEM DOUTORADO EM LETRAS E PÓS-DOUTORADO EM
MÚSICA PELA USP, E É PROFESSOR NA FACULDADE PAULISTA DE ARTES.

1 ANDRADE, MÁRIO DE. *PEQUENA HISTÓRIA DA MÚSICA* (SÃO PAULO, MARTINS, 1980, p. 179) E *MÚSICA, DOCE MÚSICA* (SÃO PAULO, MARTINS, 1963, p. 165).

2 ANDRADE, MÁRIO DE. *MÚSICA, DOCE MÚSICA* (SÃO PAULO: MARTINS, 1963, p. 167).

With “perfect form, balance and overarching logic, in addition to inventiveness”, Henrique Oswald is “the enemy of all that is harsh and banal”. His sounds “develop with splendid flexibility”, allowing for variations that display “great inspiration and the most skilful technique”.¹ These are just some of Mário de Andrade’s impressions of the composer, whom he elevated to the status of a universal creative force, overriding any Brazilian quality or nationalist imperative.²

The son of Swiss parents, before he reached adulthood Henrique Oswald went to study in Italy, and he only returned from there to settle in Brazil as he approached old age. His career as a pianist and composer was free from nationalistic pigeonholing, and earned him a range of awards and accolades. His music is not easy to locate geographically: the Florence where he studied was awash with German and French music, and young people there were already enjoying Russian works by the second half of the 19th century.

Two works illustrate the difficulty in labelling Henrique Oswald’s work: the *Piano Quartet in G Major*, Op.26 and the *Piano Quintet in C Major*, Op.18. Each one transports us to a different landscape within the composer’s universe.

In the *Piano Quartet* we feel the rhythm, that element that makes the body react, carrying us along with it. Some scholars believe that the word “rhythm” only features as a metaphor in music, its primordial use being linked to daily life: the rhythm of work, of the city, the sound of knocking on doors and of footsteps in the streets. It is this rhythm of life, rather than that of dance, that draws us in at the beginning of the work.

In the first movement, an *ostinato* invites us to accompany the work. We feel the rhythmic beat of the left hand on the piano. Then a mysterious harmony leads us into an introspective moment. These are the last sighs of romanticism that leave us in suspense. It is common to associate Henrique Oswald’s style of harmonies with that of his fellow musician Claude Debussy. Perhaps this is also an expression of the desire to create poetry within music, to make the piano, that machine, talk. The poetry of the period sought to create purely sonorous effects, as exemplified by Paul Verlaine.

In the second movement, the piano is the protagonist, and the strings accompany it along a winding path. At certain moments the three string instruments come together to form chords. They construct a ladder, and each rung is consummately designed. We are taken to different levels, each with an

unprecedented landscape. All that remains is to discover whether we are looking outwards or within ourselves.

In the “Scherzo” the strings sing. (In the *Quintet* we will see that the creation of this type of movement is one of Oswald’s specialties.) The piano takes on the role of basso continuo. Now we can see how this generation was marked by the influence of the Baroque masters, principally the Bach who was rediscovered by Mendelssohn. By looking back to the old masters the composers of the late 19th century learned different ways of creating musical architecture. The accompaniment is an abundance of simultaneous notes, as the pianist’s hands extend generously. All of this is merely the firm, old and beautiful foundation for a melody alternately sung by the strings.

The rhythm rises above the beat of daily life and invites the body to join in. The quartet goes out for a stroll, along pavements, greeting passers-by. But the pace does not speed up as in Eastern European festivities, nor is it syncopated as in the Americas, or as in the work of Brazilian composer Alberto Nepomuceno. In this increasingly cosmopolitan and less puritanical environment, it is impossible not

to be reminded of the rhythmic stability of the groups of urban musicians of the *belle époque*.

The fourth movement – “Adagio (Romanza)” – is a fugue. The cello leads a melody, a proclamation of long notes, and the other instruments follow in its wake. The piano reminds us that it is also a string instrument, joining in with the others as equals.

The bucolic mood continues into the final movement, a sunny piece of music, in which a rural song can be heard – nostalgia for the countryside in an age of great urbanization. The quartet ends with all the instruments “singing” a sweet refrain.

Right at the beginning of the *Piano Quintet*, we sense that this is a work with a different source of inspiration, written by a very different Henriette Oswald. Its main motif sounds like a secular song, one of those that an entire population would be able to sing in unison.

What is notable is how the composer creates diverse melodies that leave a lasting impression in each section of the work. There are those composers who prioritize melody and others who create a more purely harmonic and technical piece of music.

Oswald's work represents the best of both worlds: while the most inventive phrases can be heard, the accompaniment creates discreet descants, new lines, one minute on the strings, the next on the piano. Nothing hinders the principal voice, and this is perhaps the major legacy that Oswald acquired from Schubert: accompaniments that only help the soloist melody.

The “Scherzo” of the *Quintet* reinforces the idea that it is in this musical genre that the composer's work is seen at its best. According to Mário de Andrade, it was Henrique Oswald who “created the most delicious and pure smile that has ever graced a Brazilian mouth”.³

The curious thing about Oswald's composition process is that, even though he is a highly acclaimed and extremely technical pianist, his melodies are not derived from that natural journey that the hands make across the keyboard, nor from a formula that would give rise to a mathematical melody. They are inspired lines, which spring up as if by magic, as can be noted in the “Molto Adagio”.

The final movement has a rousing fast tempo. During a virtuoso performance from the piano, the strings together play their part perfectly: the instruments cooperate with each other, completing phrases and interrupting each other in an amicable way, to create a harmonious ballet.

MAURÍCIO DE CARVALHO TEIXEIRA

IS A HISTORIAN WITH A PH.D. IN LANGUAGES AND LITERATURES
AND A POST-DOCTORATE FELLOWSHIP IN MUSIC FROM THE UNIVERSITY
OF SAO PAULO (USP). HE IS A PROFESSOR AT THE FACULDADE PAULISTA
DE ARTES.

[TRANSLATED BY LISA SHAW]

1. MÁRIO DE ANDRADE. *PEQUENA HISTÓRIA DA MÚSICA* (SÃO PAULO: MARTINS, 1980, p. 179) E *MÚSICA, DOCE MÚSICA* (SÃO PAULO: MARTINS, 1963, p. 165).

2. MÁRIO DE ANDRADE (1893-1945) WAS ONE OF THE LEADING NAMES OF BRAZILIAN MODERNISM. A RENOWNED FICTION AND POETRY AUTHOR, HE WAS ALSO AN IMPORTANT MUSIC CRITIC.

3. MÁRIO DE ANDRADE. *MÚSICA, DOCE MÚSICA* (SÃO PAULO: MARTINS, 1963, p. 167).



Nascido na Bahia, Ricardo Castro radicou-se na Suíça para estudar piano e regência no Conservatório de Genebra, em 1984. Vencedor do 1º prêmio na Leeds International Piano Competition, em 1993, já se apresentou em salas como Musikverein e Théâtre du Châtelet. Colaborou com Simon Rattle, Martha Argerich e Maria João Pires e tem discos gravados para os selos BMG – Arte Nova, Deutsche Grammophon e Cedille. Desde 1992, leciona na Haute École de Musique de Lausanne, na Suíça. Em 2007, fundou o NEOJIBA (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), do qual é gestor e diretor artístico. É também regente titular da mais avançada orquestra do programa, a Sinfônica Juvenil da Bahia, com a qual se apresentou no Queen Elizabeth Hall, em Londres, e na Konzerthaus, em Berlim. Em 2013, tornou-se o primeiro brasileiro a receber a Honorary Membership da Royal Philharmonic Society.

Born in Bahia, Ricardo Castro settled in Switzerland in 1984 to study piano and conducting at the Geneva Conservatory. Winner of the first prize at the Leeds International Piano Competition in 1993, he has performed in venues such as the Musikverein in Vienna and the Théâtre du Châtelet in Paris, and he has collaborated with Simon Rattle, Martha Argerich and Maria João Pires. He has recorded on the BMG – Arte Nova, Deutsche Grammophon and Cedille labels. Since 1992 he has taught at the Haute École de Musique in Lausanne, Switzerland. In 2007 he founded the NEOJIBA (State Youth and Children's Orchestra Centers of Bahia), for which he is general and artistic director. He is also permanent conductor of the most developed orchestra within this group, the Youth Orchestra of Bahia, whom he has performed with in concert halls such as the Queen Elizabeth Hall in London and the Konzerthaus in Berlin. In 2013 he became the first Brazilian to receive Honorary Membership of the Royal Philharmonic Society.



Fundado em 2008, o Quarteto Osesp reúne músicos formados em escolas diferentes: italiana, brasileira, norte-americana e alemã. A soma dessas tradições contribui para enriquecer a identidade do grupo. O Quarteto tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras e criativas. Seu repertório é muito amplo, incluindo obras que vão da época barroca até os jovens compositores contemporâneos. Entre os que já se apresentaram com o grupo, estão artistas como Gilberto Tinetti, Eduardo Monteiro, Roberto Díaz, Ovanir Buosi, Jean-Philippe Collard, Ricardo Castro, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, Lilya Zilberstein, David Aaron Carpenter, Nicholas Angelich, Nathalie Stutzmann e Jean-Efflam Bavouzet.

Founded in 2008, the Osesp Quartet brings together musicians trained in the Italian, Brazilian, North American and German schools. This group is greatly distinguished and enriched by the coming together of these different musical traditions. The Quartet has its own programme at the Sala São Paulo hall, which consists of performances of classic works, as well as innovative and creative projects. Their repertoire is very broad, and includes works that range from the Baroque period to those of young contemporary composers. Artists who have performed alongside the Quartet include Gilberto Tinetti, Eduardo Monteiro, Roberto Díaz, Ovanir Buosi, Jean-Philippe Collard, Ricardo Castro, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, Lilya Zilberstein, David Aaron Carpenter, Nicholas Angelich, Nathalie Stutzmann and Jean-Efflam Bavouzet.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO (OSESF)

SÃO PAULO SYMPHONY ORCHESTRA

QUARTETO OSESP

OSESP QUARTET

RICARDO CASTRO *piano*

Uli Schneider produtor de gravação, mixagem, edição e
masterização / *recording producer, mixing, editing and mastering*

Marcio Jesus Torres, Fabio Miyahara e Camila Braga

Marciano assistentes de gravação / *recording assistants*

Maurício de Carvalho Teixeira texto / *text*

O *Quarteto com Piano em Sol Maior*, Op.26 foi gravado em junho de 2011, e o *Quinteto com Piano em Dó Maior*, Op.18 em fevereiro de 2009.

The *Piano Quartet in G Major*, Op.26 was recorded in June 2011, and the *Piano Quintet in C Major*, Op.18, in February 2009.

O *Quarteto com Piano em Sol Maior*, Op.26 e o *Quinteto com Piano em Dó Maior*, Op.18 foram editados pela Criadores do Brasil, editora da Fundação Osesp.

Piano Quartet in G Major, Op.26 and *Piano Quintet in C Major*, Op.18 are published by Criadores do Brasil Publishing, São Paulo Symphony Orchestra's publishing branch.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO

Marin Alsop Diretora Musical e Regente Titular /
Music Director and Principal Conductor

Celso Antunes Regente Associado /
Associate Conductor

FUNDAÇÃO OSESP

Arthur Nestrovski Diretor Artístico / *Artistic Director*

Marcelo Lopes Diretor Executivo / *Executive Director*

Fausto Arruda Superintendente / *Superintendent*

www.osesp.art.br

SELO
DIGITAL
OESP

Música Clássica para todos

Ouçã e baixe gratuitamente
www.oesp.art.br